

Relatório de Gestão – Mar/20

Rio Ações FIA

| Ações | | | | |
|---------------------------|---------------|---------------|--------------|---------------|
| FUNDO | % MAR/20 | % ANO | % 12 MESES | % ACUMULADO |
| RIO AÇÕES FIA | -25,82 | -31,27 | -3,69 | 479,06 |
| IBOVESPA | -29,90 | -36,86 | -23,47 | 64,16 |
| ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE | | | | |
| | % MAR/20 | % ANO | % 12 MESES | % ACUMULADO |
| Caixa | 0,03 | 0,10 | 0,41 | 39,85 |
| Large Caps | -9,73 | -14,56 | -17,96 | 65,41 |
| Mid Caps | -15,90 | -16,07 | 17,01 | 460,18 |
| Small Caps | -0,06 | -0,16 | 4,04 | 78,16 |
| Custos | -0,16 | -0,58 | -7,19 | -164,55 |
| Total | -25,82 | -31,27 | -3,69 | 479,06 |

início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

O Rio Ações FIA obteve uma rentabilidade negativa de **-25,82%** durante o mês de março/2020 em comparação a uma queda de **-29,90%** do Ibovespa. Ao longo dos últimos 12 meses, o fundo acumula uma perda de **-3,69%** contra uma desvalorização de **-23,47%** de seu benchmark. Em 24 meses, o mesmo obteve ganhos de **+24,08%** em relação a um desempenho negativo de **-8,97%** do Ibovespa.

O mês em análise entrará para a história mundial como um dos piores períodos para os ativos de risco. No Brasil, a queda do Ibovespa citada anteriormente fez com que o índice voltasse ao patamar dos 73.000 pontos. No exterior, as quedas foram menores, mas também bastante significativas, com o S&P caindo 12,51% e na Zona do Euro o STOXX recuando 14,80% no mês. A moeda brasileira continuou a se desvalorizar fortemente frente ao dólar, encerrando março cotada a R\$5,20/US\$ (alta de 16,40% da moeda americana em relação ao real).

Os principais acontecimentos que levaram a estes resultados foram:

- o forte crescimento do número de pessoas infectadas pelo *covid-19* no mundo, gerando a necessidade de isolamento social em países que inicialmente subestimaram a gravidade da doença. Como consequência do isolamento, a expectativa do crescimento da economia global foi drasticamente reduzida após a Europa e EUA adotarem fortes medidas de *lockdown* para tentar reduzir as taxas de contaminação e, assim, suavizar a curva de crescimento exponencial da pandemia;

- a acentuada queda nas cotações do barril de petróleo no mercado internacional em função da guerra de preços travada entre Arábia Saudita e Rússia. Além disso, a forte queda na demanda pela commodity

devido ao choque na redução da atividade global ocasionada pela pandemia intensificou ainda mais sua desvalorização no período.

Os governos e bancos centrais dos principais países do mundo vêm adotando uma série de medidas para amortecer os impactos da crise sobre a desaceleração econômica mundial. Pacotes fiscais sem precedentes na história estão sendo aprovados visando a injeção de trilhões de dólares nas economias, promovendo desta forma incentivos ao estímulo das mesmas e, ao mesmo tempo, financiando esforços para o combate à doença. No Brasil, as propostas anunciadas até agora chegam a R\$ 750 bilhões de reais para mitigar os impactos da crise nos mercados. O grande destaque foi o pacote fiscal aprovado pelo Congresso dos EUA, liberando US\$ 2 trilhões entre gastos e incentivos para tal objetivo.

Diante do exposto, entramos em um cenário mundial de absoluta incerteza, devido a uma esperada recessão global de grande magnitude para os próximos meses. O mês de abril ainda deverá apresentar grande volatilidade, embora em níveis inferiores ao ocorrido durante março. O mercado centralizará suas atenções na evolução da pandemia no ocidente. O andamento positivo das medidas de isolamento social voltadas ao combate da doença será o grande gatilho para certa recuperação dos ativos de risco. Ao mesmo tempo, o período de duração da paralisação econômica no mundo, assim como sua intensidade, será a grande questão a ser entendida pelos agentes financeiros daqui para frente.

Conforme descrito em nossa última carta de gestão, já vínhamos adotando uma postura mais defensiva no portfólio do fundo desde o final de janeiro. Desta forma, durante a última semana de fevereiro, a partir do surgimento de casos da doença fora do continente asiático, passamos a ter uma estratégia ainda mais protetiva para nossa carteira, reduzindo nossa exposição comprada para 80% do patrimônio do fundo.

Realizamos também uma grande rotação setorial, diminuindo o peso alocado em companhias dos setores de consumo/varejo e construção e realocando parte da carteira de ações para setores mais líquidos, privilegiando os grandes bancos do país, as companhias de transmissão de energia e as empresas prestadoras de serviços de telefonia (estas últimas por apresentarem menor variação de receita em períodos de redução de demanda). Assim, entramos em março adotando um portfólio bastante conservador até que tivéssemos menos incertezas com relação aos mercados globais.

Durante os primeiros dois terços do mês em análise, o aprofundamento da crise resultou em novas desvalorizações abruptas nos mercados acionários mundiais, onde o sentimento de pânico tomou conta dos investidores. Nesse momento, em termos de preços relativos, passamos a enxergar oportunidades de compra em alguns setores e companhias da bolsa brasileira.

Naqueles níveis de *valuation* dos mercados acionários, os mesmos pareciam de certa forma já apresentar certa assimetria positiva de retorno para o curto prazo, dada a forte resposta fiscal e monetária implementada pelos principais países do mundo, visando a recuperação de suas economias.

Sendo assim, durante o último terço do mês de março, optamos por novamente aumentar a exposição comprada em carteira do nível de 80% para algo próximo de 95%. Novamente realocamos alguns segmentos do portfólio, liquidando posições defensivas em transmissão de energia e telecomunicações, que apresentaram ótimo comportamento relativo no auge da crise, voltando a aumentar o peso em empresas com elevada relação retorno x risco.

Nossas expectativas mostraram-se vencedoras no período, dado que ocorreu certa recuperação de preços nos mercados acionários mundiais no acumulado da última semana de março. As divulgações de estímulos fiscais cada vez mais relevantes foram o principal *trigger* das bolsas nesta recuperação de curtíssimo prazo.

É importante ressaltar que uma crise desta magnitude tende a ocorrer raríssimas vezes ao longo de décadas. Além de impactar fortemente o balanço das empresas, o mercado de trabalho e os dados econômico-financeiros dos países de uma forma geral, o evento em análise trará para o futuro profundas mudanças no modo como nos relacionamos e consumimos. Alguns setores e empresas serão beneficiados e outros severamente penalizados.

Para o curto prazo, daremos prioridade para o investimento em companhias com maior liquidez, baixo endividamento e que sejam consolidadoras em seus respectivos mercados de atuação, função da qualidade de gestão que possuem. Como exemplo, citamos novamente os grandes bancos e exportadoras do país, além de segmentos como os de *e-commerce* e supermercados, claramente vencedores em um ambiente de isolamento social, porém ainda com *valuations* bastante interessantes para o posicionamento. Temos optado também por uma maior diversificação do portfólio, com o aumento do número médio de 18 empresas durante o ano de 2019 para algo em torno de 28 ações investidas atualmente.

Nossas cartas anteriores estão disponíveis no site: www.riogestao.com.br.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.